

## MEMÓRIAS DE UM COLÉGIO QUE NÃO VOLTA MAIS

ELDER DIAS\*

*“Há um menino, há um moleque, morando  
sempre no meu coração/  
Toda vez que o adulto balança  
ele vem pra me dar a mão/  
Há um passado no meu presente/O sol bem  
quente lá no meu quintal...”*  
(Milton Nascimento)

### PRÉ-HISTÓRIA

Confesso que nunca quis entrar no Aplicação. Desde pequeno, sempre fui muito resistente a mudanças na minha rotina. E minha rotina escolar, naquele fim de 1981, quando meu pai falou que ia tentar o sorteio no CA, era de três anos no Educandário Professora Valentina, em Campinas, com o ambiente que eu já conhecia, com meus amiguinhos já todos selecionados, com minha fama de bom aluno formada na escola desde o prezinho até o fim daquela 2ª. série Agora, meu pai me dava a notícia de que eu iria ser inscrito no tal sorteio para novos alunos do Aplicação.

Engraçado, faz quase 30 anos, mas eu me lembro exatamente onde meu pai me falou isso: era à tardezinha e estávamos subindo a rua que liga o Educandário Professora Valentina (depois Educandário Campinas, depois Colégio Anglo e depois... não sei mais), no caminho para o pequeno escritório de contabilidade dele, na Rua Senador Jaime. De lá, após ele terminar o expediente, a gente sempre pegava o ônibus 174, linha Campinas-Campus, da Viação Reunidas, que tinha, à época, o pior elenco do transporte coletivo da cidade, disso me lembro ainda e nunca me esquecerei, por motivos pessoais que talvez eu cite à frente – não sei como esse texto vai se desenvolver, estou somente deixando o “espírito santo” fazer o serviço para mim, como escreveu uma vez Jorge Luis Borges.<sup>1</sup>

O fato é que eu não tinha dúvida de que seria sorteado. Meu destino estava já selado por minha inocência fatalista: não escaparia do Aplicação!

---

\* Ex-aluno do Cepae. Mestre em Estudos Linguísticos pela UFG. E-mail: elderdias@yahoo.com.br

## SALA &amp; RECREIO

Penso que foi em um belo meio-dia de janeiro de 1982 que meu pai chegou feliz da vida na nossa casa humilde, no Conjunto Itatiaia. Eu já sabia o porquê: o sorteio tinha sido naquela manhã. E eu já me conformara previamente.

Não me esqueço, lógico, do primeiro dia de aula no novo local de estudos. Dia 8 de março de 1982. A primeira figura que eu me recorde, ao chegar à porta do CA, foi... Dolé! Não sei se o colégio se preocupa em manter a memória e as tradições de décadas atrás, mas uma figura que não podia ser esquecida, em um projeto desses, era a desse baleiro e seu carrinho de guloseimas, que muito me serviriam nos meses seguintes – explico por que logo abaixo.

A 3ª série ficou dividida em três turmas: A, B e C, que seriam depois renomeadas como Turma da Mônica (a minha), Turma dos Campeões e Turma do Mickey, respectivamente. A minha pegou a sala do canto do colégio – a última à esquerda de quem vê sua fachada. Éramos todos “vítimas” do tal sorteio, totalmente desconhecidos uns dos outros, pois a 3ª série era então a porta de entrada para lá. Tivemos cinco professoras nesse ano: Mariolene (Português), Regina (Matemática), Marina (Ciências), Miramy (Estudos Sociais) e Maria Heliana (Educação Artística) – engraçado, só hoje, escrevendo este texto, é que noto essa aliteração registrada em cartório.

Daquele ano, lembro de pouca coisa dentro da sala e de muita coisa fora dela. Dentro da sala, uma coisa marcante foi *Sobradinho dos Pardais*, um livro infantil que passamos algumas aulas de Português ouvindo, na leitura da professora Mariolene. E acho que foi só.

Eu estranhei também o tamanho das carteiras. Até então, onde eu estudava, o comum era dividirmos, eu e um colega, a mesma e modesta bancada; ali, no novo colégio, era uma cadeira imensa e uma mesa com suporte para a mochila embaixo, formando o conjunto da carteira. Achava aquilo muito grande (lógico, eram usadas por turmas da 3ª série às do 3º ano). Aliás, o Aplicação inteiro era muito grande, salas grandes, pátio grande, rampas, estacionamento, área de grama. Talvez porque, para um menino de 8 anos, tudo deva parecer muito grande mesmo.

---

1 "A poesia não é menos misteriosa que os outros elementos do orbe. Tal ou qual verso afortunado não pode envaidecer-nos, porque é dom do Acaso ou do Espírito; só os erros são nossos." (Jorge Luis Borges in Elogio da Sombra)

No mais, era ano de Copa do Mundo e eu, desde que me entendia por gente, sempre fui fissurado em futebol. É bem verdade que me entendia por gente fazia pouco tempo, tanto que aquela seria a minha primeira Copa. Então, o destaque do ano foi... o carrinho do Dolé, mais precisamente os chicletes Ping Pong do carrinho do Dolé, mais precisamente ainda as figurinhas da Copa nos chicletes Ping Pong do carrinho do Dolé.

Então, o dinheiro do lanche do colégio (50 ou 100 cruzeiros, dependia da disponibilidade do meu pai) virava tudo goma de mascar. De tutti frutti, hortelã e morango (este era lançamento), tudo era mascado. Como consumir os chicletes não era exatamente meu objetivo, eu desembalava tudo, pegava a figurinha e grudava um sobre o outro até formar um tijolo de 10 a 20 unidades (cada chiclete custava 5 cruzeiros). Memória de criança é coisa estranha: não me esqueço que a primeira figurinha que eu tirei foi a do Paulo Isidoro e alguém me pediu para trocar com ele por um tal de Arzu (goleiro de Honduras). Troquei na hora.

No mais, o passatempo preferido na sala de aula, na febre das figurinhas, era o bom e velho bafo. Tinha um colega de classe, o Gerson, excepcional no jogo e do qual fiquei sócio: eu comprava os chicletes e ele usava as figuras repetidas para ganhar na disputa. No fim do ano, ele cobrou a fatura: pediu duas figurinhas para completar o álbum dele. Eu dei, na esperança de que ele tirasse xerox colorido, como prometera (imagina onde ele ia achar um xerox colorido em 1982!). Nunca mais vi as ditas cujas, mas saí no lucro pelo que ele tinha ganho para mim. No segundo semestre ainda tivemos mais figurinhas, mas de Fórmula 1. Então, fica combinado: primeiro ano de Aplicação = figurinhas *Ping Pong* no carrinho do Dolé.

No mais, as lembranças são sempre assim, tendendo sempre ao exterior da sala: à vasilha azul do MEC, em formato de cuia e acompanhada de colher azul, que eram os talheres da merenda (me vem agora o cheiro característico e saudoso do mingau servido), que nunca estava do agrado; meninos e também meninas arrastando os pés de ré tentando imitar aquele Michal Jackson ainda negro; as mesas de pingue-pongue para as quais, quando não tinha raquete, improvisávamos tijolos para bater na bolinha; as escorregadas pela mureta da escada central, em caracol, ao melhor estilo “emergência de bombeiro”; o futebol do recreio, em que usávamos as árvores da entrada da escola como traves; enfim, tudo o que poderia marcar a infância/adolescência em um ambiente como aquele.

## MESTRES &amp; PROFESSORES

Um trauma prévio pairava sobre minha cabeça ainda nos primeiros dias de Aplicação: o ano seguinte seria a 4ª série e haveria o encontro com a Dona Elza. Ela, a professora mais temida de todo o colégio. Tinha uma fama aterrorizante, que fazia os alunos mais capetas se tornarem cordeirinhos.

Ninguém passava impunemente por Dona Elza. Não era à toa que era a única professora conhecida como “dona”: tínhamos por ela um respeito mais que respeito, medo mesmo! Mas eu nutria uma esperança quase convicta: ela era velhinha demais para persistir por mais um ano inteiro de vida. Assim, bem provavelmente, no ano seguinte a senhora da foice evitaria (em desfavor da professora, claro) um encontro entre nós dois. Mas passa 1982, acaba 1982, começa 1983 e... a veterana mestra estava lá, firme e forte. Nem mesmo a dificuldade em atravessar o portão de 6 metros de largura com seu pequeno Escort a impedia de marcar presença assídua, pontual e constante no CA.

Foi nesse clima de terrorismo velado que convivemos com a Dona Elza e que digo: foi a melhor professora de Geografia que tive em toda a minha vida escolar. Apesar dos métodos crus, como ameaçar cortar meu cabelo, quase sempre acima do tamanho médio – cabelo que até hoje é assim... –, ou então colocar bóbis nele; ou dar reguadas nos desatentos e em quem ousasse conversar durante as aulas... Hoje, no tempo politicamente correto em que vivemos, é impensável uma professora no estilo Dona Elza.<sup>2</sup> Mas ela tinha seu valor, e a prova disso foram os conhecimentos obtidos por meio de seus esquemas simples e de sua didática segura. Além disso, suas historinhas temperadas com sotaque nordestino eram impagáveis. Prendiam a atenção e ríamos das situações. De uma delas, ficou uma moral que nunca esqueci: “A gente só dá esmola para velho. Para criança e quem pode trabalhar, nunca se deve fazer isso.”

Dona Elza foi importante, mas falar de Aplicação sem citar Geraldo Faria Campos é falar do corpo sem citar a alma. Se o colégio tinha uma

---

2 Das histórias da Dona Elza, uma que ninguém da turma esqueceu (tenho certeza) foi a passagem na qual ela fala da prisão do mafioso italiano Tomaso Buschetta. O problema era o sobrenome do indivíduo, que tinha sido detido no Brasil. A TV pronunciava com som de k (Busketa), quando a pronúncia certa era, no idioma de origem, com som de x (Buxeta). Dona Elza, não sei se para provocar, achou de pronunciar com som de s mesmo. E ainda achou de estranhar e repreendeu as carinhas vermelhas e os risinhos sem graça dos meninos...

essência, era ele. Estudei apenas um ano inteiro (7ª série) e um pedaço da 5ª série, o suficiente para entender lições para toda a vida. O *Alemão* me fez entender que decorar regras não é tão importante quando vivenciá-las na prática. E a “prática” era leitura e redação. Até hoje não sei muito bem diferenciar o futuro do pretérito de um passado imperfeito, mas aprendi a usar um e outro na hora certa.

Ainda na área do Português, outra referência foi o professor Agostinho. Como ele era (e é, até hoje) apaixonado pelo que fazia (e faz)! Dava para sentir a emoção de transmitir o conhecimento na forma como falava... pena que muitos de nós (eu, várias vezes) éramos muito insensíveis, por imaturidade, para absorver toda aquela riqueza. Tive novamente o prazer de encontrar Agostinho como meu professor no curso de Jornalismo e, mais de década depois, como membro da banca de qualificação da minha dissertação em Análise do Discurso, na Faculdade de Letras da UFG. Uma figura que, enfim, marcou minha trajetória acadêmica.

Personalidade marcante também foi a Eliane, de História. Apostando em um material inovador na época (a coleção *Estudos de História*, de Ledonias Franco Garcia), ela nos ensinou a disciplina da forma mais direta e simpática possível. E, claro, temperando as aulas com seus “ai, meus sais aromáticos!”...

O quadro de professores, no todo, era altamente respeitável, com professores experientes e verdadeiramente dedicados ao projeto pedagógico inovador do colégio. O tempo passa e, dos que estavam na ativa quando saí, em 1990, pouquíssimos restaram – que eu me lembre, somente a professora Mercês, que lecionou a nossa turma na 6ª série.

Mas, se havia os bonzinhos, havia também os professores vilões. Precisamos conviver pouco tempo com aquele que era considerado o mais *ferrador* do colégio para descobrir que tal fama era mesmo verdade: professor Hermínio, de Física. Eu nunca fui *expert* na disciplina – foi minha média mais baixa no vestibular, com 5,75 –, mas na primeira prova que ele nos ministrou, no 2º ano, ficamos abismados: eu fiquei com 2,0! Seria um “desafio interessante” até o fim do ano, para ser um tanto eufemístico. Um enfarte, porém, deixou Hermínio fora das salas logo depois, substituído pelo então novato professor Carlos.

Éramos ferrados de um lado e ferrávamos de outro. Aluno é mau quando quer, principalmente quando sabe que tem algum poder ou liberdade. Isso ficou evidente quando apareceram as estagiárias de Filosofia e Socio-

logia para ministrar aulas. Coitadas. Como não haveria nota para as referidas disciplinas – ou seja, não poderíamos ser reprovados –, inventamos uma tal aula de *fugiária*, ou seja, dar no pé da escola assim que se iniciasse o horário delas. A vida me fez ver que aluno é aluno em qualquer idade e lugar.

## AMIGOS & COLEGAS

Baleia, tatu, jumento, cachorro, galinha, leitão, calango, curicaca, vaca, sapo. Parece a lista de presença na arca de Noé, mas eram apenas os carinhosos apelidos recebidos por colegas de turma. Meu codinome não pertencia ao mundo da fauna: era Capacete, depois foi Capataz, virei Menino e por fim, Eldinho mesmo – porque, mesmo com um nome não tão comum, apareceu outro Elder na minha sala, maior e mais velho. Lembro do leve ciúme que senti quando vi o meu nome em outro nome na lista dos alunos pregada na porta da 4ª série A de 1983. Como é visível pela breve lista de alcunhas, *bullying*<sup>3</sup> era, de fato, uma palavra totalmente desconhecida na época (tenho uma colega, que até hoje, para a identificarmos ao nos referirmos a ela, precisamos dizer o nome seguido do terrível apelido que ganhou).

O fato é que, apelidos à parte, a turma sempre foi bem heterogênea. O sorteio não distinguiu ricos de pobres e, como o colégio era linha de frente entre as instituições educacionais, gratuito e tinha uma forma democrática de ingresso (sorteio), era procurado por todos. De forma prática, a gente dividia, sem muito esforço sociológico, a turma entre burgueses e pobretões, classe integrada principalmente por quem morava nos setores vizinhos e à qual eu pertencia.

É bom deixar claro que essa divisão não era um *apartheid* e que todos conviviam entre si, à exceção dos mais antissociais. E que havia gente boa e gente chata nos dois grupos. Dener e Leonardo eram dois bons exemplos de “burgueses” queridos pela galera periférica. Acabaram se tornando grandes amigos. Entre as meninas, a aproximação era mais complicada, porque, além de se fecharem no clube da luluzinha, elas davam atenção geralmente para meninos das séries mais avançadas, mesmo quando não havia conotação de paquera em jogo.

---

3 Termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully - «tiranete» ou «valentão») ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo.

Vamos lá para uma pequena lista de quem eu lembro ter sido colega ou até mesmo amigo durante esses anos: Adriana Rodrigues (grande amiga até hoje), Ailton, Alessandra Félix, Alexandre, Ana Cristina, André “Gulinha” Paranaíba, Andréa Ribeiro, Andréia Araújo, Andréia Soares, Antônio Romualdo, Caio Camilo, Camila Bizzotto, Camila Paula, Christiano Mahler, Claudia Rodrigues, Daniel Leite, Délia de Almeida Luz, Dener Mallard, Denise Montanini, Elder Sales (meu amigo-irmão), Elisa, Fabio Lobo, Fernando Montenegro, Flavia, Flavio Leandro (outro amigo-irmão de tantas horas), Frederico Guimarães, Frederico Landi, Gerson Moreira, Gerson Vieira, Hudson, Ivan, Janete, João Carlos, João Marcos, Keila, Leila Fonseca, Leonardo Angelo, Luciana Franco, Luciano Correia, Luciano Faria, Luzimar, Mara Cristina, Mara Xavier, Maria Inês, Marlene, Miguel Raimundo, Paulo Santana, Raquel, Rejane Dias, Reylane Batalha, Rodrigo Bernini, Sandra, Sandro, as irmãs Silma e Silvia, Simone Souza, Ubirajara, Washington Fuzo, Wanessa Machado, Wesley, William Silva, Willian Godoi.

#### AVENTURAS & MICOS

Em 1982, o Colégio de Aplicação era um prédio perdido no meio do mato, ou melhor, no fim da mata, com ligação direta ao anel viário da UFG, que tem cerca de 4,2 quilômetros de perímetro. A universidade vivia então uma realidade totalmente oposta à atual, em que prédios brotam por toda a superfície do Campus Samambaia: basicamente, no “núcleo central”, havia apenas o conjunto original de prédios, construído na década de 1970 – os quatro blocos do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e os dois blocos para o Instituto de Química e Geociências (IQG), Instituto de Matemática e Física (IMF) e Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). Além dessa estrutura, na área do anel, só tinha o complexo da Educação Física (ainda sem o ginásio coberto nem o segundo piso nem a pista de atletismo) e o colégio, que não tinha a quadra e as salas ao lado dela. Em suma, estudávamos em uma área praticamente isolada.

Tal isolamento gerava, por isso mesmo, algumas situações impensáveis hoje. Primeiro, havia as lendas (que não podemos chamar de “urbanas” devido à localização do colégio): tarados, assombrações e etc., tudo relacionado à misteriosa mata vizinha. Em segundo lugar, essa ruralização gerava uma situação meio de aluno de roça para quem vinha a pé – geralmente moradores, como eu, dos setores vizinhos, como o Conjunto Itatiaia e os setores São Judas e Pompeia.

Para se ter uma ideia, o percurso a pé do Aplicação até o Itatiaia era feito, na verdade, naquilo que nossos avós chamavam de “triereiro”: um “caminho de rato” em meio ao mato, ora mais rasteiro ora mais alto. Por segurança e conveniência, costumávamos andar em turmas, brincando, tirando sarro e pregando peças uns nos outros. Quando crescia o capim-brachiaria, uma mania dos mais encapetados era amarrar, com um nó feito com os ramos delas mesmas, as moitas que cresciam lado ao lado do caminho. Quantas vezes eu tropecei nalguma dessas armadilhas! E quantas vezes as “fabriquei”...

Mas foi em outro caminho – o que ligava o ponto de ônibus da Educação Física ao CA – que sofri o maior pânico da minha história de colégio. Menino ainda, acho que na 4ª série, descia rumo à escola, mochila nas costas, acompanhado do Neveton, aluno de uma turma à frente da minha, e da irmã dele. Foi quando uma pequena cobra atravessou o caminho à nossa frente. Corremos os três em disparada, para só parar dentro da área do colégio. Quase 500 metros para nos livrarmos da cobra, que, no entanto, tinha cortado nossa frente e, obviamente, sumido no meio do mato, talvez mais aterrorizada que nós mesmos. Mas, como seguro morreu de velho...

No mais, o caminho do Campus lembrava cheiro de natureza, contato com os sons e silêncios, aromas e gostos (jatobá, ingá<sup>4</sup> e até o caule do brachiaria) da terra, do mato e da mata. Um privilégio único entre os meninos estudantes de uma Goiânia que já se urbanizava.

Engraçado que o que mais marca a gente nas aulas é justamente o que acontece além da lição do professor. Muitas vezes justamente por não estar prestando atenção no que faz ou fala o professor. Na minha mão esquerda tenho a marca física da indolência em classe: uma cicatriz com quatro pontos. Mas impressionante mesmo é como ela foi originada.

Estávamos em plena aula de Física do 3º ano. Uma sensação entediante me dominou e comecei então a procurar algo à mão para fazer. À mão, então, eu tinha uma caneta Bic azul. Não sei como, mas a tampinha pequena (a do fundo do tubo) da esferográfica entrou no fundo da tampa grande (a do bico). Sem nada para fazer (além do que devia fazer que era prestar atenção ao que ensinava o professor Carlos), achei por bem resga-

---

4 Numa dessas caminhadas, fizemos uma parada debaixo de um pé de ingá - que a gente chamava de "angá" - e um amigo, o Willian Godói, lembrou (ou inventou, sei lá) que tinha uma história de que quem comia a fruta tomava bomba no fim do ano. Até hoje não sei se ele falou isso para comer todo o angá sozinho ou por acreditar nisso. O fato é que se esbaldou com a fruta. E acabou reprovado...



tar a tampinha cortando a tampona... com um estilete. A ideia de jerico se consumou: apoiei a tampa na palma da mão e, com o estilete, fiz pressão na superfície lisa e curva dela. Aconteceu o óbvio: o estilete escapou e atingiu minha mão na altura da base do polegar. Nunca esqueci o branco da carne aberta. Um segundo de alívio: “Ufa, não está sangrand...”, até que o vermelho inundou a mão toda de uma vez. Tentei avisar o professor, mas o Carlos estava de costas e de costas ficou. A turma fez um “ohhh!” e eu saí em busca de ajuda... Meu anjo foi a Terezinha, psicóloga do colégio, que me levou até o Hospital das Clínicas, onde fui devidamente emendado. Até ser costurado, a sensação era de que iria me vaziar todo o sangue.

O maior mico, entretanto, foi um contínuo. Durou 1982 inteiro. Sem saber nadar e tendo natação como opção única para Educação Física, fiquei os dois semestres atravessando a pé a piscina de 25 metros, e na parte rasíssima. E ainda encontrei o louco do Gulinha, muito maior do que eu, para me jogar na piscina funda. O pânico me impede de lembrar como é que eu saí (ou me tiraram) de lá.

## PAQUERAS & PAIXÕES

Pergunte para qualquer adulto onde é que ele conheceu a primeira pessoa a lhe fazer o coração bater mais acelerado ou onde se deu sua primeira paquera. Pelo menos oito entre dez (dados do Instituto Elder Dias) vão afirmar: “Foi no colégio.” Comigo, óbvio, também não foi diferente. E a primeira grande paixão da minha vida, que viria com o efeito de um tsunami, aconteceu do nada.

Camila Bizzotto Cheir Pereira. A Camilinha. Esse foi o nome. Curávamos o segundo semestre da 8ª série\* e ela havia causado furor na rapaziada um ano antes, quando entrou no colégio. Com um rosto lindo e sempre sorrindo, caiu de imediato na graça da galera... mas eu não via graça nenhuma. Mais novinho da turma, creio que meus hormônios da puberdade ainda não haviam sido ativados.

Essas coisas do coração a gente geralmente não sabe o momento exato em que começam. É como uma jiboia ou sucuri que vai enrolando a presa, deixando-a sem saída, até o instante de quebrar-lhe os ossos. Lembro, porém, de um momento crucial. Já com a chama atizada, encontrei Camilinha na porta da sala e, não sei por que cargas d'água (expressão essa já em desuso em setembro de 1987, quando ocorreu o fato), ficamos do

lado de fora. Aproveitei para puxar assunto com um papo bem interessante para quem quer conquistar o coração de uma garota. “Mas, e essa coisa do céso, hein?” Até hoje não entendi por que ela não deu muita bola.

A partir daí, a coisa só piorou. A paixão faz revoluções, para melhor e para pior, sempre que aparece no caminho de um homem ou uma mulher. Toda a experiência parece não valer de nada e tudo aquilo se processa como se fosse a primeira vez. Imagina então quando, de fato, não se tem nenhuma experiência e é a primeira vez.

Fiquei como um bobo. Na época, trabalhava com o meu pai no escritório de contabilidade e comprei um radinho de pilha com uma antena que virou meu companheiro. Foi quando, de fato, descobri as rádios FM – meu pai só ouvia AM no escritório. Ficava o dia inteiro, sem nenhum exagero, ouvindo as músicas melosas da época: *I'll Be Over You* (Toto), *Nothing is Gonna Change In My Love For You* (Glenn Medeiros), *Don't Dream It's Over* (Crowded House), *Never Say Goodbye* (Bon Jovi), *A Matter of Feeling* (Duran Duran)... era só o começo.

Caí na besteira de contar para dois amigos de sala de aula, João Marcos e Miguel. Imagina, confidências de alto risco (para mim) na boca de meninos de 13, 14 anos! Foi o que bastou para todo mundo da sala ficar sabendo, inclusive ela. Como eu não fazia nada, nada mesmo, a não ser curtir minha fossa e ficar juntando coragem para um dia chamá-la para ir ao cinema, tomar um banana split depois, dar um beijo e planejar nosso casamento para daqui a uns cinco anos, a coisa foi ganhando corpo e chegou a um ponto insustentável – penso que inclusive para ela.

Então um dia, a Rejane, amiga dela e minha ex-vizinha, me chamou e disse: “Que tal você conversar com ela?”, e ofereceu ajuda para intermediar um encontro. Sem muita opção, e com a esperança de que tudo se resolvesse a meu favor, aceitei. E, na hora marcada, lá fui eu para meu próprio *abatedouro*, definido no estacionamento do colégio. Acho que a Rejane chegou comigo na rodinha em que ela estava e, claro, a rodinha se dissipou na hora, então pude ouvir o que era de se esperar, da boca da minha própria Camilinha. Algo assim: “Olha, Elder, gosto de você e blabláblá, mas como amigo, e blabláblá, acho que você entende e blabláblá...”. Passivo cheguei, passivo ouvi e passivo fui embora. Estava acabado o que não começou.

Acabado, nada. Era só a ponta do iceberg. No fim do ano ainda teria o baile de formatura dos alunos da 8ª série do Aplicação, e tentaria (tentaria?) a última cartada. Comprei uma roupa novinha, da camisa à cueca, do per-

fume à carteira. Empetecado do gostoso aroma de Styletto, fui para o baile. Fiquei esperando passarem as músicas lentas para chamar Camilinha para dançar comigo. Enfim, começaram a tocar as lentas. E eu esperei a próxima. E então, a próxima. E depois, a próxima... E depois, parou de passar lentas! Cheguei em casa, ainda perfumado de Styletto e chateação. Na porta de casa, ao entrar, a frustração acabou: nem lembrava, mas era meu aniversário! E uma caixa no alpendre mudou minha noite: era o radiogravador Sanyo que eu tinha calculado já em quantas prestações iria pagar, e, de tanto falar nele, meu querido pai fez um sacrifício e me deu de presente!

Curti a paixão por mais ano e meio ainda. Passei a chegar mais cedo no colégio só para ter a oportunidade de encontrá-la e de repente encaixar uma conversa – ela era uma das primeiras a chegar, trazida pela mãe de carro, um luxo naquele tempo, um Gol BX verde, daqueles com motor de Fusca ainda, placas VK-3881 (paixão faz isso, decorar até placa de carro). Depois, como tem de acontecer, a paixão foi se amansando. Camilinha até arrumou um namorado no colégio, que a gente chamava de Chubaca e não era mais bonito do que o apelido (ainda mais para um coração despeitado).

Ela nunca soube disso, a primeira vez que meu coração bateu mais forte não foi aos 13 anos, pela Camilinha: foi aos 10, pela... Luciana Franco Rogério, filha da Lolô. Foi dela o primeiro poema que fiz na vida (pelo menos espontaneamente, já que não me lembro se algum professor havia passado redação de poesia como tarefa de casa...). Lembro de dois versos: *Minha flor de maracujá! Não quer comigo namorar?* Muito tímido, lembro que só falei sobre isso a um colega de classe, o Luciano Tatu. Ficamos de conversar sobre isso depois, acho que nunca o fizemos. No fim, morrendo de medo de alguém descobrir o que eu tinha escrito, queimei a folha da poesia no quintal. E enterrei, para não deixar nenhum vestígio do crime. Foi algo bem passageiro, mas ficou uma música da época que lembra essa fase até hoje: *Se Enamora*, do Balão Mágico.<sup>5</sup>

Depois disso, no último ano de colégio, tive duas paixonites: por Ludmilla, irmã do João Marcos e filha da professora Anatália, que curti platonicamente no primeiro semestre; e Thais, uma sardentinha charmosa que ficou a fim de mim e acabou se tornando minha primeira namorada.

---

5 "Quando você chega na classe/ Ninguém sabe/ Quanta diferença que faz/ E às vezes/ Faço que nem vejo e nem ligo/ E fingo/ Ser distraída demais.../ Quantas vezes te desenhei/ Mas não consigo/ Ver o teu sorriso no fim/ Te sigo/ Caminhando pelo recreio/ Quem sabe/ Você tropeça em mim..."

Dessa fase, lembro bem de nosso local de encontro às escondidas, na lateral do colégio virada para o anel viário da UFG, bem discreto, apesar de aberto. Foi lá que trocamos a maior parte dos beijos e acho que foi lá que ela terminou comigo, depois de 1 mês e 10 dias de namoro. Realmente, o Aplicação não foi pródigo comigo em sucesso afetivo. Mas o que valem são as lembranças.

## MÚSICA & FESTIVAIS

Canções Juvenis Interpretadas no Aplicação. Ou simplesmente Cajuína. Quem viveu os primeiros anos desse festival? A primeira edição foi, salvo engano, em 1986, vencida pelo Robson Batata, um dos idealizadores do evento, cantando *Soldados*, do Legião Urbana, e vestido de recruta. Fiquei impressionado com a coragem de subir em um palco e cantar para um monte de gente. Nunca me imaginava ali.

A banda de apoio era de conhecidos do próprio Robson e, como nós, moradores do Conjunto Itatiaia: Mário Lima, Ronaldo e Fernando Almeida. Este, o mais novo, era jogador de futebol – de muito sucesso no Atlético – e era o baixista da banda. Apesar de exímio guitarrista, Lima era o baterista; Ronaldo, o mais desligadão, era o dono oficial da guitarra. Todos de algum talento, tanto que, de alguma forma, seguravam qualquer música que os candidatos a cantores pedissem, de Caetano Veloso a Raul Seixas.

No ano seguinte, três colegas de classe – Paulinho, Elder Sales e Leonardo – inscreveram uma música como composição e fizeram o maior sucesso, apesar de não ganharem. Não lembro o vencedor em Composição, mas em Interpretação quem ganhou foi um menino da 5ª série, Gustavo, que depois de décadas viria a se tornar meu amigo pessoal. Ele cantou e encantou a plateia com *Volta Pra Mim*, do Roupas Nova.<sup>6</sup>

O fato é que eu já estava apaixonado pela Camilinha e o Cajuína me parecia uma boa forma de aparecer para ela. No ano seguinte, fiz o propósito de me inscrever, mas não tinha coragem para ir sozinho. Maquinei durante algum tempo uma parceria com o trio de colegas do ano anterior:

---

6 Outra lembrança do Cajuína daquele ano é de um grupo de conhecidos, alguns que nem eram alunos e estavam ali só para curtir o festival, tirando onda com um grupo de meninas, bem magrinhas, que cantaram *O Que É Que Ela Tem Que Eu Não Tenho?*, de um trio feminino com o curioso nome de Afrodite Se Quiser. Quando elas soltavam o refrão-título da música, eles respondiam em alto e bom som: "Carne!" Maldade adolescente.

a ideia era formar um quarteto e, por coincidência do acaso, cantar uma música dos Beatles - pensei em *She Loves You* e *Nowhere Man*. Acho que nunca cheguei a oficializar a proposta a eles.

Mas a música já me influenciava de tal forma que decidi iniciar minha carreira rumo ao estrelato, ainda que fosse de forma solo. Mas que música cantar? Um dia, vendo *Globo Esporte*, pensava exatamente nisso. Eis que eles encerram o programa com *Revanche*, do Lobão. Interpretei como um sinal divino. E lá fui eu ensaiar a música. Meu radiogravador Sanyo foi meu parceirão. Ouvi e cantei dezenas, talvez centenas de vezes: não queria fazer feio. E até que não fiz. Depois dos ensaios com a banda, realizados sempre no clube Asufego, dos servidores da UFG, chegou o dia da apresentação. Apesar de um errinho - não meu, porque eu tinha decorado até a respiração do Lobão, mas do Ronaldo que estendeu o solo além do que devia -, fiquei em 6º lugar, uma posição honrosa. O vencedor, merecido, foi Frederico Landi, com *Meu Erro*, dos Paralamas do Sucesso. Grande performance de palco, que me inspirou a aprimorar a minha própria para o ano seguinte - o que se revelou uma tragédia cômica, como se verá.

O fato é que a apresentação no Cajuína me acendeu de vez o gosto pela música. Meu pai tinha um violão quase virgem no guarda-roupa desde 1980. Era um pequeno e modesto modelo Giannini Studio, que me parecia gigante quando eu tinha 6 anos, mas então se tornava ideal para aprender a tocar. E foi assim, graças à empolgação com o Cajuína - e com a primeira paixão, Camilinha - que tomei gosto pelo violão.

O ano de 1989 foi um Cajuína para esquecer, de minha parte. Decidi cantar *Até Quando Esperar*, do Plebe Rude, uma música de protesto, bem adequada à conjuntura do país, que vivia então a expectativa pela primeira eleição para presidente depois de 29 anos. Na performance de palco, eu precisava demonstrar essa revolta contra o estado das coisas, a rebeldia contra o sistema, enfim, ter uma atitude bem rock'n roll.

O que se viu na apresentação foi inigualável. Quem estivesse chegando naquele momento, certamente pensaria "jogaram pó-de-mico no garoto", "está possesso" ou "é epilepsia!". No fim da apresentação, me dei conta do resultado final quando um grupo de amigos de classe - lembro bem da cara do Denner - veio correndo da arquibancada, invadiu a quadra e me cumprimentou: "Que é isso, menino, ficou doido?"

Para concluir o dia, eu tinha me inscrito também na categoria Composição. Primeiro, toquei guitarra na apresentação do Flavio Leandro, meu

amigo, para o qual eu tinha musicado uma letra dele, *Motivo Pra Viver*. Ok, chegava a minha hora de mostrar meu talento, como instrumentista, compositor e cantor. A música se chamava *Um Pele-Vermelha em Outra Tribo*, o eu-lírico da música sendo um índio narrando a experiência de morar na cidade.

Peguei a guitarra e, meio com medo e ansiedade, toquei as cordas de leve para testar. Fernando Almeida, então, pediu para eu aumentar um pouco o volume da guitarra. Toquei de novo, de leve novamente. Ele pediu para aumentar um pouco mais. Ok, então. Quando comecei a tocar, o som da guitarra era capaz de encobrir o barulho de qualquer Boeing da Vasp que estivesse aterrissando naquele momento no Santa Genoveva (e olha que Boeing da Vasp fazia muito barulho). Nem me passou pela cabeça a ideia de girar ao contrário o botão de volume ali da guitarra. Resultado: com certeza ninguém ouviu a boa letra da música. Que, por ser boa, acabou mesmo assim ficando com o 2º lugar do festival (eram três inscritas), à frente do... Flavio, meu amigo. Marco Aurélio, que não tinha nada a ver com o meu desastre, venceu com a composição *Encanto* (acho que era isso), só no voz e violão, mas tocando com o volume devido. Na categoria Interpretação, ganhou o Carlos (aluno do 3º ano colegial), com *Mentira Morena*.

Foi a primeira vez – e, que eu saiba, a única – que o festival foi realizado no ginásio coberto da Faculdade de Educação Física. Bom, então posso botar a culpa nos ares do local...

O ano de 1990 seria meu último de Aplicação e, também, de Cajuína. Já roqueiro convicto, treinei muito para tocar *Era Um Garoto que Como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones*, então grande sucesso dos Engenheiros do Hawaii. Dentro de minhas limitações, tinha tirado até os solos de guitarra da música. Mas aí o Frederico resolveu cantar a mesma música. Para evitar comparações – que, sensatamente pensei, seriam desfavoráveis a mim – optei por *Tempo Perdido*, do Legião. Era uma música bem feijão-com-arroz do rock Brasil, mas também um hino do movimento. Acabei terminando em 3º, com troféu e tudo. Posição muito honrosa, até pela minha capacidade como cantor. O vencedor: Frederico.

Tudo bem, na composição dei o troco. Com *Política*, uma música meio punk, cheia de substantivos depreciativos ao tema-título da canção, ganhei o Cajuína! Dessa vez, sem querer ser dublê de epilético e com o volume adequado da guitarra.

## NOTAS &amp; ATIVIDADES

Desde meu primeiro ano de Aplicação, passei a ter uma responsabilidade com a minha própria reputação de bom aluno. A turma me considerava “o Caxias”, “o intelectual” e coisas semelhantes. Então, o objetivo era não tomar “D” nem em prova, quanto mais no boletim. Uma missão que cumpri a rigor... até a 5ª série.

Meu trauma sempre foi Educação Artística. Tinha uma dificuldade quase genética para desenhar e fazer os exercícios. Na 3ª série, passei perto de tomar um D, mas me superei após pintar um barco de laranja (não me perguntem por quê, só sei que esse desenho me salvou de alguma coisa).

Mas veio a professora Ceci, um quadrado e um transferidor. E uma folha de papel. A tarefa era um exercício simples até: fazer, com a ajuda de uma régua e um transferidor, um quadrado perfeito, obviamente com quatro ângulos de 90 graus. Só que meu sistema neuromotor não entendia esse “obviamente” tão simplistamente assim. Foram várias tentativas, até que veio a pressão final. “Se não fizer direito, vai ficar com D”, disse a professora Ceci. Pronto, foi o que faltava para não sair mais nada que prestasse mesmo.

Lembro muito bem da tarde em que recebi a folha de volta, com a nota vermelha bem expressa. Foi uma mistura de vergonha, sentimento de culpa e incompetência, e sobretudo medo, muito medo, de ser reprovado. À noite meu pai tinha programado de levar meus irmãos e eu ao Mutirama – sim, o Mutirama já funcionou à noite! Não me esqueço da cena: eu deitado dentro do Balão Mágico, aquele imenso colchão inflável, dividido entre o prazer de estar ali curtindo o brinquedo e a dor de pensar na possível reprovação no fim do ano. Que drama eu vivi! E que dramático eu era! Ou sou?

No fim do ano, surpresa: nota final em Educação Artística, “A”. Assim como todas as outras notas finais do boletim. Foi meu melhor desempenho no colégio. Mas também um ano em que perdi, por reprovação, muitos dos meus melhores amigos no colégio. E a separação seria mais radical ainda porque no ano seguinte a 6ª série seria de manhã.

No ano seguinte, fui deposto do meu posto de melhor aluno da turma: Mara Xavier, que passava da turma B para a A, era a nova eleita. Com merecimento.

Nos anos seguintes, a adolescência me fez enxergar que havia coisas mais importantes do que se preocupar com uma nota vermelha no boletim. E elas vieram, não tão numerosas, mas presentes. E a primeira,

adivinhem... História da Arte, disciplina herdeira da Educação Artística, na 8ª série. Quando, porém, veio um “D” em inglês, minha especialidade, vi que era hora de retomar o leme dos estudos.

No fim, notas são só notas.

O que ficou de legado mesmo foi o que a turma realmente produziu. Nisso, deixamos duas boas obras: um livreto sobre a tragédia do célio 137, trabalho coordenado pela professora Ceci (Educação Artística) em 1987; e um painel de pintura sobre a fachada do refeitório, no ano seguinte, creio que sob organização da professora Maria Heliana e que continua firme lá, voltado para o velho pátio, até hoje.

## LIVROS & LEITURA

Se eu pudesse dar um macete de vestibular para qualquer um que fosse iniciar-se na vida estudantil, seria: leia, leia, leia. E depois, se sobrar tempo, leia mais.

Disso, nunca pude reclamar do Aplicação. Os professores sempre incentivaram a leitura. Na Biblioteca Seccional, me viciiei em Monteiro Lobato e, em uma segunda fase, na Coleção Vaga-Lume. Chegava a ler dois livros por semana – fato que hoje, neste exato momento, me causa vergonha por não ter lido sequer dois neste ano.

Ler muito e gostar de ler é essencial para escrever bem, mesmo sem gostar de escrever. Ou seja, ao longo de toda a história do Ensino Fundamental e Médio se resolveria tranquilamente aquilo que é talvez o grande trauma do vestibulando, a redação.

Nesse contexto, um instrumento excelente que tivemos foi o Clube de Leitura, durante três anos – iniciativa da professora Maria Freire nas turmas da 4ª e 5ª séries e que a professora Mary estendeu também à 6ª. Toda quarta-feira, a aula de Português era do Clube: na mesa formada pelo presidente, vice-presidente, 1º e 2º secretários, tesoureiro e bibliotecário, uma forma de autogerência da aula pelos próprios alunos, que se inscreviam para contar histórias e piadas, fazer adivinhações, recitar poemas, fazer jograis e comentar livros que leram. Que riqueza que tínhamos, e como isso fica mais perceptível agora!

Foi no Clube de Leitura que, inconscientemente, fui me formando para duas vocações: uma atividade que eu fazia, com meu xará Elder, com o Leonardo e com o Dener, era o jornal falado do clube. Acabei gostando



de redigir “informações” a ponto de me formar jornalista. A outra é o exercício da liderança de sentar-se à mesa e ajudar a coordenar as seções do clube. Eleito três vezes vice-presidente, achei de anos atrás me candidatar também a vereador. Uma experiência que considerei bem-sucedida e que, lá no fundo, tem o dedo do Clube de Leitura da professora Maria Freire.

#### PÓS-HISTÓRIA

Diz a bela *In My Life*, música de Lennon/McCartney, que “há lugares que eu me lembrarei por toda a minha vida/ embora tenham mudado/ alguns para sempre, não para melhor”. O Aplicação mudou muita coisa nessas duas décadas longe de lá: o novo nome, por exemplo (Cepae, olha só), me soa intolerável. Entendo os motivos e razões, mas não os aceito. Hoje em dia mudam o nome de tudo com muita facilidade.

No fim, para quem enxerga em um determinado foco ou objeto alguma coisa boa, não haverá época melhor do que a que passou por esse foco ou objeto. Então, o melhor Aplicação que existiu para mim foi entre 1982 e 1990.

Devo a esse período da vida, juntamente com meu berço familiar, a constituição do que hoje eu sou. As noções que tenho de ética, companheirismo, liberdade, democracia, justiça, responsabilidade e compromisso, entre tantas outras palavras bonitas, e que hoje repousam no meu peito, foram lapidadas naquela porção de concreto pulsante de vida ali, ao lado da mata.

Voltando ao passado ainda mais distante, dos meus coleguinhas de Educandário Professora Valentina, hoje não tenho contato com nenhum mais. Não sei quem engordou, quem casou, quem ficou rico, quem virou padre, quem infelizmente morreu... Sinto uma pontinha de tristeza por isso, mas são coisas dos encontros e desencontros da vida. Coisas que me fizeram me encontrar, de corpo, espírito e alma, com o velho CA.

Eu nunca quis entrar no Aplicação. Ironia do destino, o Aplicação nunca saiu de mim.

Dedico essas linhas à saudosa memória de Antônio Romualdo Xavier, meu “presidente” no Clube de Leitura, que se foi, muito novo, há alguns anos.